

NEURODIVERSIDADE NA LITERATURA INFANTOJUVENIL: UMA ANÁLISE DA OBRA PERCY JACKSON E O LADRÃO DE RAIOS¹

Lívia Pereira Marinho²

RESUMO

O presente artigo analisa a representação da neurodiversidade na literatura infantojuvenil a partir da obra *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, de Rick Riordan. A narrativa apresenta Percy, um protagonista que convive com dislexia e TDAH (transtorno de déficit de atenção), características que dentro do universo mitológico criado por Riordan, são ressignificadas como símbolos de força e identidade. Também se considera a materialidade do livro, observando como suas edições, capas e formato contribuem para sua circulação entre o público alvo e para a forma que é recebida pelos leitores. A análise evidencia como o livro transforma diferenças cognitivas em potencialidades, contribuindo para uma visão mais inclusiva e sensível das formas de aprender e perceber o mundo. Para desenvolver a análise, serão consideradas passagens específicas presentes no livro que mostram o processo de descoberta e aceitação do protagonista, sua relação com o ambiente escolar e pessoas que o ajudam a entender quem ele é. Assim, busca-se compreender como a literatura pode contribuir para a valorização das diferenças e ampliação do diálogo sobre neurodiversidade no contexto escolar.

Palavras-chave: Riordan, Rick, 1964. - Percy Jackson e o ladrão de raios – crítica e interpretação; literatura infantojuvenil americana; neurodiversidade.

ABSTRACT

This article analyzes the representation of neurodiversity in children's and young adult literature, focusing on the work *Percy Jackson & The Olympians: The Lightning Thief* by Rick Riordan. The narrative features Percy, a protagonist living with dyslexia and ADHD (Attention Deficit Hyperactivity Disorder)—traits that, within the mythological universe created by Riordan, are reframed as symbols of strength and identity. The book's materiality is also considered, examining how its editions, covers, and format contribute to its circulation among the target audience and shape how it is received by readers. The analysis highlights how the book transforms cognitive differences into strengths, fostering a more inclusive and sensitive perspective on ways of learning and perceiving the world. To develop this analysis, the study examines specific passages from the book that illustrate the protagonist's journey of discovery and acceptance, his relationship with the school environment, and the people who help him understand his identity. Ultimately, the aim is to understand how literature can contribute to valuing differences and expanding the dialogue on neurodiversity within the school context.

Keywords: Riordan, Rick, 1964. – Percy Jackson & The Olympians: The Lightning Thief – criticism and interpretation; American children's and young adult literature; neurodiversity.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Lucilene Rezende Alcanfor.

² Graduanda do curso de Bacharelado em Humanidades pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo discutir a obra *Percy Jackson e O Ladrão de Raios* (2005), como ferramenta de representatividade e inclusão no campo escolar, analisando a relevância da obra para educadores e educandos na abordagem sobre a neurodivergência. Tal temática, no contexto educacional, mostra-se essencial para promover a inclusão, combater preconceitos e valorizar a diversidade. Considerando os desafios enfrentados por alunos neurodivergentes, busca-se explorar como a literatura infantojuvenil pode servir como instrumento pedagógico no meio educacional para a construção de uma sociedade mais equitativa e acolhedora. Além disso, o tema contribui para sensibilizar educadores e alunos sobre a importância de reconhecer e respeitar diferentes formas de aprendizagem e convivência, ampliando o diálogo sobre práticas inclusivas no ambiente escolar.

Percy Jackson e O Ladrão de Raios (2005) é o primeiro livro da saga *Percy Jackson e os Olimpianos*. No Brasil, chegou em 2008 pela editora Intrínseca. Seguindo a ordem cronológica, os próximos livros da saga foram lançados na seguinte sequência: *O Mar de Monstros* (2006 nos EUA, 2009 no Brasil), *A Maldição do Titã* (2007 nos EUA, 2009 no Brasil), *A Batalha do Labirinto* (2008 nos EUA, 2010 no Brasil) e *O Último Olimpiano* (2009 nos EUA, 2010 no Brasil).

Rick Riordan, autor da saga Percy Jackson, foi professor de inglês e história por 15 anos em escolas públicas e privadas nos Estados Unidos. Suas vivências em sala de aula o influenciaram diretamente na criação de personagens complexos e representativos, que dialogam com temas fundamentais do cotidiano escolar. No Brasil, Riordan já vendeu mais de sete milhões de exemplares, demonstrando o amplo alcance e influência de sua obra entre os jovens leitores.

No ano de 2023, em entrevista para a revista *Entertainment Weekly*³, Riordan revelou como seu filho Haley se tornou motivo para a criação do personagem Percy Jackson.

Ele estava lutando contra a dislexia e o TDAH, passando por momentos terríveis na escola, mas a única coisa que ele amava era a mitologia grega, diz Riordan. Como professor de sala de aula, eu sabia muito sobre mitologia grega. Adorei ensiná-la. Então, comecei a contar-lhe histórias dos mitos gregos e, quando o material antigo acabou, inventei um novo herói grego: Um garoto moderno chamado Percy Jackson que, como meu filho, tem TDAH e dislexia e descobre que esses são indicadores de que você pode muito bem ser um semideus. Meu filho não teve problemas em acreditar nisso (Riordan, 2023).

³ HOLUB, Christian. 'Percy Jackson and the Olympians' introduces a new generation of demigods. *Entertainment Weekly*, 18 set. 2023. Disponível em: <https://ew.com/tv/percy-jackson-and-the-olympians-rick-riordan-preview/>

Na obra *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, Rick Riordan traz essas condições para o centro da história, apresentando como protagonista um jovem com dislexia e TDAH que, apesar dos desafios, possui habilidades especiais que o auxiliam em suas aventuras. Dessa forma, é possível realizar uma análise literária voltada a examinar os elementos narrativos e a representação dos personagens neurodivergentes na obra, em conjunto com uma análise bibliográfica que apoie teoricamente essa discussão.

A jornada de Percy Jackson como um herói com dislexia e TDAH oferece uma perspectiva importante sobre como essas condições podem ser elementos de força e habilidade, ao invés de limitações. Tanto o TDAH quanto a dislexia, segundo o Manual MSD, são diferenças no modo como o cérebro funciona e aprende. O TDAH envolve dificuldade de atenção, agitação e impulsividade, e esses sinais aparecem desde a infância e atrapalham a rotina em casa e na escola. Já a dislexia é uma dificuldade específica na leitura na qual a pessoa tem mais trabalho para ligar letras aos sons, ler palavras e compreender textos, mesmo tendo inteligência normal. Nos dois casos, não se trata de falta de esforço. São condições neurológicas reais que exigem apoio adequado.

O interesse por essa temática surgiu da minha experiência como leitora da obra que, em 2023, foi reacendida com o lançamento da segunda adaptação da saga para as telas de *streaming*. Esse reencontro com a história permitiu uma nova perspectiva analítica sobre os personagens, levando à reflexão sobre como a obra *Percy Jackson e O Ladrão de Raios* pode ser utilizada como recurso para promover a inclusão e compreensão da neurodivergência. Além disso, como futura pedagoga, observa-se um crescimento significativo no número de educandos neurodivergentes nas escolas, o que reforça a importância de pesquisas na área, a fim de oferecer embasamento teórico e propor práticas pedagógicas que acolham e contribuam para a formação desses sujeitos.

Portanto, o estudo do primeiro volume da saga *Percy Jackson e Os Olimpianos*, justifica-se pela relevância de seu conteúdo para o campo educacional e pela possibilidade de contribuir com reflexões teóricas e práticas sobre inclusão, representatividade e diversidade no espaço escolar.

Entende-se que a literatura juvenil desempenha um papel essencial na formação de valores e na construção da identidade dos jovens leitores. No entanto, é importante notar que nem todas as obras abordam adequadamente a diversidade de experiências e identidades presentes na sociedade atual. Por isso, surge a necessidade de investigar como o livro *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, escrito por Rick Riordan, famoso por sua abordagem mitológica e aventuras emocionantes, pode promover a inclusão e compreensão da neurodivergência.

Inicialmente, pontua-se que a neurodiversidade inclui diferentes formas de funcionamento do cérebro, como o TDAH e a dislexia, que muitas vezes são vistas como dificuldades, mas também podem ser consideradas variações naturais da mente humana. A noção de neurodiversidade, cunhada pela socióloga australiana Judy Singer (1998), destaca que as diferenças neurológicas, como autismo, TDAH e dislexia, não devem ser vistas como condições patológicas, mas como variações naturais do cérebro humano. Francisco Ortega, em seu artigo “O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade”, explica que essas diferenças neurológicas, assim como outras diferenças humanas, como as raciais e sexuais, precisam ser respeitadas e incluídas nas discussões sobre diversidade e inclusão (Ortega, 2008, p. 478)

Nas obras da coleção, não só o protagonista, como também outros personagens enfrentam dificuldades acadêmicas devido ao TDAH e à dislexia, mas também possuem habilidades e talentos únicos que os ajudam em suas aventuras. No artigo de Vera Helena Gomes Wielewiski e Maçao Tadano Filho (2012) “TDAH e Dislexia em Percy Jackson” os autores, os autores destacam como a autoimagem de Percy, o personagem principal, reflete a dificuldade que ele tem em ser intitulado como não pertencente à cultura escolar⁴.

Nessa linha de pensamento, Vitor Amoroso (2023) sintetiza que a inclusão de alunos neurodivergentes no sistema educacional brasileiro constitui um desafio significativo, devido à insuficiência de investimentos governamentais que carece de infraestrutura adequada para atender esses sujeitos. Além disso, muitos professores não estão devidamente preparados para lidar com a singularidade de cada aluno e facilitar sua adaptação no campo escolar. José Geraldo Silveira Bueno (1999), em seu artigo *Crianças com necessidades educacionais especiais: política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas?*, discute os desafios da formação docente diante da inclusão escolar. O autor aponta que as políticas públicas brasileiras ainda carecem de estrutura para garantir que professores estejam preparados para lidar com a diversidade de formas de aprendizagem. Segundo ele, a inclusão não se resume à presença do aluno em sala de aula, mas exige reorganização das práticas pedagógicas e valorização das diferenças como parte do processo educativo.

Este estudo não só ajudará a entender melhor o impacto da literatura na construção da identidade positivada, mas também estimulará uma discussão mais abrangente sobre a importância de incluir várias formas de abordagem da neurodivergência na escolha de obras literárias a serem trabalhadas no campo educacional.

⁴ Segundo Dominique Julia (2001, p. 1), “pode-se descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”.

Discutir esses aspectos permite uma reflexão sobre a inclusão com o tema da literatura infantojuvenil e como isso pode impactar os leitores neurodivergentes nas instituições de ensino. Portanto, a utilização de obras literárias como a saga de Percy Jackson pode servir como ferramenta pedagógica para sensibilizar e educar tanto alunos quanto professores sobre a neurodiversidade, incentivando um ambiente escolar mais inclusivo e adaptado às necessidades de todos.

O artigo parte da hipótese de que a representação de personagens neurodivergentes em *Percy Jackson e O Ladrão de Raios* pode favorecer a identificação de jovens leitores com dislexia e TDAH, promovendo a valorização da diversidade neurológica e oferecendo subsídios para práticas pedagógicas mais inclusivas nas instituições de ensino. Portanto, tal perspectiva nos leva à seguinte problemática de pesquisa: De que maneira a obra *Percy Jackson e o Ladrão de Raios* contribui para a representatividade e inclusão de crianças e adolescentes neurodivergentes? Como essa representação pode favorecer discussões sobre diversidade no contexto educacional?

Para isso, uma pesquisa documental será realizada, analisando o conteúdo da obra, a fim de compreender como aspectos de neurodiversidade, como TDAH e dislexia, são incorporados na construção dos personagens e das tramas. A primeira seção deste artigo consiste em apresentar o autor e o conjunto de sua obra, com destaque para a saga *Percy Jackson e Os Olimpianos*. A segunda seção trata da neurodivergência na educação brasileira, discutindo desafios e avanços da inclusão escolar. E por fim, a terceira seção, consistindo em uma análise textual detalhada do primeiro livro da saga, intitulado *O Ladrão de Raios*, com o objetivo de identificar e interpretar passagens que abordem explicitamente ou implicitamente a neurodiversidade nos personagens. A análise buscará, por exemplo, trechos em que Percy Jackson ou outros personagens enfrentam desafios relacionados ao TDAH e à dislexia, bem como momentos em que essas características são descritas como habilidades ou pontos fortes. Através dessa análise, pretende-se entender como a obra apresenta a neurodivergência não apenas como uma condição, mas como parte da identidade dos personagens, influenciando sua visão de mundo e suas interações com outros personagens e com o enredo.

2 A NEURODIVERGÊNCIA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A inclusão de estudantes neurodivergentes na educação brasileira tem ganhado cada vez mais atenção nas últimas décadas. Esse avanço se deve a políticas públicas, mudanças nas leis e ao engajamento de famílias, educadores e profissionais da saúde. O termo neurodivergência, que engloba condições como Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), dislexia, autismo, entre outras, passou a ser entendido não apenas como um desafio médico ou escolar, mas como parte natural da diversidade humana, que deve ser acolhida e respeitada pela escola.

No campo legal, o Brasil tem feito importantes avanços. O Ministério da Educação, por meio da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) e a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) garantem o direito de todos à educação, com foco no atendimento especializado e no respeito às particularidades dos estudantes. Mais recentemente, a inclusão do autismo no Censo Demográfico, determinada pela Lei nº 13.861/2019, contribuiu para tornar a neurodivergência mais visível em nível nacional e para apoiar a criação de políticas públicas mais adequadas.

Apesar dessas conquistas, ainda existem grandes desafios nas escolas. Muitos professores não se sentem preparados para lidar com alunos neurodivergentes e enfrentam dificuldades relacionadas à falta de formação, estrutura e materiais pedagógicos adaptados. Isso pode resultar na exclusão, ainda que velada desses estudantes, seja por meio de estigmas, diagnósticos apressados ou pela ausência de estratégias que favoreçam sua real participação.

Silva e Dias (2014) ressaltam que é essencial que os professores tenham um olhar sensível e flexível, capaz de reconhecer as necessidades específicas de cada aluno e ajustar suas práticas de ensino. As autoras apontam que estudantes com TDAH, por exemplo, se beneficiam de atividades planejadas com criatividade, recursos variados e metodologias que estimulem sua participação e envolvimento, algo que beneficia não só esses alunos, mas toda a turma.

Mais do que garantir a presença física desses estudantes, a escola precisa promover pertencimento, escuta e valorização de diferentes formas de aprender, pensar e se expressar. Reconhecer a neurodivergência como uma forma legítima de funcionamento do cérebro significa adotar práticas pedagógicas que acolham essas diferenças, e não tentem corrigi-las.

Nesse contexto, a literatura infantojuvenil se apresenta como um importante recurso pedagógico. Além de incentivar o hábito da leitura, ela pode ser um espaço de acolhimento, reflexão e representatividade, contribuindo para o desenvolvimento de uma educação mais inclusiva e sensível à diversidade cognitiva.

Obras como a famosa saga *Percy Jackson e os Olimpianos*, de Rick Riordan, ao trazerem protagonistas com características como dislexia e TDAH, oferecem um terreno fértil para a análise de como a neurodivergência pode ser representada de maneira positiva e empoderadora. Essas representações contribuem para que jovens leitores se identifiquem com os personagens, além de promoverem empatia e compreensão entre os demais colegas, colaborando para um ambiente escolar mais inclusivo.

A literatura infantojuvenil, conforme pontua Carneiro (2020), tem o poder de tocar emocionalmente seus leitores, criando um universo simbólico em que crianças e adolescentes podem se reconhecer e refletir sobre suas próprias experiências. Utilizar a arte, em especial a literatura, como recurso pedagógico, permite desenvolver uma educação mais sensível às diferenças e voltada para a formação de valores como empatia, respeito e inclusão.

A literatura infantojuvenil tem se mostrado como ferramenta fundamental para que jovens leitores construam sua identidade, reconhecendo-se nas histórias que leem. Quando encontram personagens que enfrentam desafios semelhantes aos seus, especialmente no que se diz respeito à neurodivergência, esses leitores tendem a desenvolver maior autoestima, senso de pertencimento e valorização das suas peculiaridades.

Segundo entrevista de Rudine Sims Bishop, a literatura funciona como “espelhos, janelas e portas de correr⁵”: como espelho, permite que os leitores se vejam; como janela, permite que vejam outras realidades; e como porta, possibilita envolvimento com novas experiências. A afirmação do próprio Riordan retifica essa intenção. Em entrevista à Hyperion Books For Children, afirmou que:

Fazer Percy Jackson com TDAH e dislexia foi minha maneira de honrar o potencial de todas as crianças que conheci que têm essas condições. Não é uma coisa ruim ser diferente. Às vezes é a marca de ser muito, muito talentoso. É isso que Percy descobre sobre si mesmo em *O Ladrão de Raios*.

Essa declaração evidencia o compromisso do autor com a valorização das diferenças e com a construção de narrativas que inspirem crianças e adolescentes a reconhecerem suas potencialidades.

Portanto, discutir a neurodivergência na educação brasileira significa não apenas defender o direito ao acesso, mas também à permanência com qualidade, à valorização da identidade e ao respeito às múltiplas formas de aprendizagem. Neste contexto, o uso da

⁵ Entrevista realizada em 01/03/2015. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1diCwQzqhGrbJBYKruXvuY6WN-xe7eYhb/view> Acesso em: 10 abr. 2025.

literatura como ferramenta pedagógica como no caso da obra *O Ladrão de Raios*, pode ser um caminho potente para sensibilizar educadores, ampliar o debate e transformar o ambiente escolar em um espaço verdadeiramente inclusivo.

3 A MATERIALIDADE DE *PERCY JACKSON E O LADRÃO DE RAIOS*

Em 2005, Rick Riordan lançou *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, que chegou ao Brasil em 2008 pela editora Intrínseca com tradução de Ricardo Gouveia. O livro, sendo o primeiro da série *Percy Jackson e os Olimpianos*, logo virou um fenômeno entre jovens leitores. A versão brasileira mais recente, de 2023, tem aproximadamente 400 páginas e faz parte da coleção Novas Capas. Essa edição veio em brochura (13,5 × 21cm), com visual moderno, cores vibrantes e ilustrações renovadas, acompanhando o relançamento da série completa em um box especial com os cinco livros.

O livro é dividido em vinte e dois capítulos, cada um com títulos criativos e divertidos, que atraem a atenção do leitor e combinam com o tom leve e engraçado da história. Essa divisão é importante porque ajuda a manter o ritmo da leitura e aproxima o texto dos jovens, que se identificam com a linguagem fácil e o humor dos títulos. A forma física do livro, portanto, não é só o que vemos, mas também como o texto é organizado para conversar com quem lê.

Desde que foi lançado, *O Ladrão de Raios* tem circulado muito no Brasil. Estima-se que a série já vendeu mais de sete milhões de cópias no país, se tornando uma das mais queridas pelos jovens. O sucesso continuou ao longo dos anos, impulsionado também pelos filmes e pela nova série de televisão produzida pela Disney+. Esses relançamentos e produções aumentaram ainda mais a presença do livro no mercado e o interesse de novas gerações de leitores.

Com o tempo, o livro mudou, principalmente na sua aparência. As primeiras edições brasileiras, de 2008 a 2014, tinham capas com cores mais escuras e imagens detalhadas, mostrando cenas de ação e aventura mitológica. Já a edição de 2023 trouxe algo novo: capas mais coloridas, ilustrações modernas e uma diagramação mais simples, para atualizar a série e atrair novos leitores. Essa mudança mostra que a editora quer modernizar o produto e mantê-lo interessante em um mercado que valoriza o design e a aparência.

Essas mudanças não alteraram a história, que continua a mesma em todas as edições. Isso mostra que a editora se importa em manter o texto original e respeitar o autor. As mudanças, portanto, estão em como o livro é apresentado ao público, o que mostra como a forma física do livro faz parte da experiência de leitura. Como aponta Chartier (2022), a materialidade do livro

influencia diretamente a forma como o leitor entende e sente uma obra. Kazumi Munakata (2012) explica que o livro também é resultado de um processo coletivo e que sua forma final reflete as escolhas editoriais e interesses de circulação. Isso evidencia que a materialidade envolve não apenas o texto, mas também a capa, o formato, o tipo de letra e as escolhas da editora, que orientam a leitura.

A nova edição em box, juntando os cinco livros da saga, é igualmente uma jogada comercial. A proposta de juntar todos os livros atrai mais o leitor, não só para ler, mas pelo sentido de ter a coleção toda. Isso revela que o livro, além de ser uma história, vira um produto da indústria cultural, feito para circular bastante e criar laços com os fãs.

4 A NEURODIVERGÊNCIA EM *O LADRÃO DE RAIOS*

Na obra *O Ladrão de Raios* o personagem Percy foi criado com o intuito de representar crianças com TDAH e dislexia, assim como Haley, filho mais velho de Riordan.

No livro *O Ladrão de Raios*, inicia-se essa jornada de autoconhecimento. Percy descobre que é um semideus e que seu TDAH e dislexia, na verdade, são habilidades que podem ajudá-lo em suas aventuras. Logo nas primeiras páginas, o protagonista avisa: “Olhe, eu não queria ser um meio-sangue” (Riordan, 2023, p. 9.). Com essa frase, Riordan cria um tom de conversa íntima com o leitor e apresenta um personagem que se sente inseguro e deslocado, que não pediu para ser diferente. O aviso funciona como um convite para entrar em um mundo de aventuras, mas também revela o medo e a confusão de alguém que precisa descobrir quem é. E logo, ele continua: “se você está lendo isto porque acha que pode ser um, meu conselho é o seguinte: feche este livro agora mesmo. Acredite em qualquer mentira que sua mãe ou seu pai lhe contou sobre seu nascimento, e tente levar uma vida normal” (Riordan, 2023, p. 9).

Ao aconselhar o leitor a fechar o livro, ele cria um tom de mistério e cumplicidade, como se compartilhassem um segredo perigoso. Ele é um garoto de 12 anos que acaba descobrindo ser filho de um deus grego que, após ser atacado por criaturas mitológicas, vai para o Acampamento Meio-Sangue, onde aprende sobre sua herança divina. Percy então recebe a missão de recuperar o raio-mestre de Zeus, que foi roubado, para evitar uma guerra entre os deuses. Com seus amigos como o sátiro Grover, um sátiro protetor, e Annabeth, filha de Atena, ele enfrenta monstros e traições, enquanto busca entender

mais sobre seu pai e seu destino. O Acampamento Meio-Sangue é um local secreto e protegido onde filhos de deuses gregos, conhecidos como meio-sangues, vivem e treinam para se proteger de monstros e outras ameaças mitológicas. Situado em Long Island, é cercado por barreiras mágicas que impedem que mortais descubram o local. No acampamento, os meio-sangues treinam habilidades como combate, arco e flecha, e aprendem a controlar seus poderes e entender sua conexão com os deuses. O acampamento tem chalés dedicados a diferentes deuses olímpicos, e cada meio-sangue mora no chalé de seu pai ou mãe divino. Nessa busca por autoconhecimento, o protagonista, inclusive, passa por momentos-chave, como o duelo onde ele enfrenta Clarisse, filha de Ares, o deus da guerra, em uma competição entre os semideuses, ele consegue se adaptar a situação fazendo uso criativo de seus poderes e garantindo a vitória para seu time. Esse momento reforça a ideia de que o pensamento fora do padrão e a capacidade de adaptação são recursos extremamente valiosos. Ao mesmo tempo, a trama não romantiza totalmente as dificuldades: Percy ainda enfrenta impulsividade, problemas de concentração e momentos de incompreensão, o que torna a jornada mais incrível e próxima a realidade dos leitores neuro divergentes.

No desenvolvimento da história, Riordan trabalha com diversas metáforas e símbolos que dialogam com a experiência da neurodiversidade. No segundo capítulo intitulado “Três velhas senhoras tricotam as meias da morte”, o protagonista está em uma excursão escolar, e em um momento o ônibus faz uma parada no caminho, eles então se aproximam de uma banca de frutas e observando o local Percy narra:

[...] Não havia fregueses, só três velhas senhoras sentadas em cadeiras de balanço à sombra de um bordo, tricotando o maior par de meias que eu já tinha visto. Quer dizer, aquelas meias eram do tamanho de suéteres, mas eram obviamente meias. A senhora da direita tricotava uma delas. A da esquerda a outra. A do meio segurava uma enorme cesta de lã azul brilhante. As três mulheres pareciam muito velhas, com o rosto pálido e enrugado como fruta seca, cabelo prateado preso atrás com lenço branco, braços ossudos espetados para fora de vestidos de algodão pálido. A coisa mais esquisita era que elas pareciam olhar diretamente para mim. [...] A velha do meio pegou uma tesoura imensa - dourada e prateada, de lâminas longas, como uma tosquiadeira. Ouvi Grover tomar fôlego. [...] Do outro lado da estrada, as velhas ainda olhavam para mim. A do meio cortou o fio de lã, e posso jurar que ouvi aquele ruído cruzar as quatro pistas de trânsito. As duas amigas dela enrolaram as meias azuis e me fizeram imaginar para quem seria aquilo - o Pé Grande ou o Godzilla (Riordan, 2023, p. 33-34).

Ao longo da narrativa, é mostrado que essas três velhas senhoras representam as três Parcas, que são divindades da mitologia grega responsáveis pelo controle do destino de todos os seres humanos. A adição de personagens como as Parcas cortando o fio do destino representado por um fio de lã, por exemplo, traz ao leitor um paralelo de que o destino é traçado

por forças extremas, algo que pode remeter ao peso dos diagnósticos e de rótulos impostos na infância. Já no capítulo dez “Eu destruo um ônibus”, para conseguir se defender de um ataque, Percy faz jus ao título e acaba destruindo um ônibus em que estava, e chegando ao capítulo quatorze “Me torno um fugitivo conhecido”, o leitor descobre junto com o protagonista, que o mesmo está sendo procurado pela polícia, assim a mídia acaba o retratando como criminoso, fazendo uma relação a forma de como a sociedade, muitas vezes, interpreta comportamentos diferentes como desvios a serem punidos.

No final, a decisão de Percy de voltar para o mundo mortal, mesmo sabendo que enfrentará novos desafios, representa um gesto de auto aceitação e resistência. Ele entende que sua identidade é múltipla, é ao mesmo tempo um estudante com dificuldade de aprendizagem e um herói capaz de feitos extraordinários, e que não precisa renunciar a nenhuma dessas partes para seguir em frente.

A compreensão da aprendizagem e do desenvolvimento humano é amplamente discutida nas teorias socioculturais, onde o ambiente social e as interações desempenham um papel crucial. Vygotsky (1988, p. 88) destaca essa importância ao afirmar que "a aprendizagem humana pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam". Essa perspectiva é particularmente relevante para a análise da neurodiversidade na literatura infantojuvenil, pois sugere que o aprendizado não ocorre de forma isolada, mas em interação com outras pessoas e contextos sociais.

Na saga Percy Jackson e os Olimpianos, essa dinâmica é evidente no acampamento Meio-Sangue, onde Percy e outros semideuses se apoiam mutuamente em suas jornadas. A presença de figuras como Annabeth, seu melhor amigo Grover e o Sr Brunner/Quíron oferece um ambiente no qual as habilidades e desafios de cada um são reconhecidos, promovendo um espaço de aprendizado e crescimento coletivo. Assim, ao explorar as interações sociais entre os personagens, podemos entender melhor como a aceitação e o suporte emocional podem impactar o desenvolvimento das crianças neurodivergentes.

Percy tinha muitos problemas na escola e menciona ter passado por vários durante sua infância, sendo sempre visto como uma criança problemática. No início da trama, Percy está matriculado em um internato chamado Academia Yancy, onde tem um único amigo chamado Grover e também menciona um professor de quem gostava muito, o sr. Brunner, que lecionava latim e sempre o incentivava. Como descrito por Percy,

o Sr. Brunner esperava que eu fosse tão bom quanto todos os outros a despeito do fato

de que tenho dislexia e transtorno de déficit de atenção, e de que nunca na vida tirei uma nota acima de C-. Não — ele não esperava que eu fosse tão bom quanto; ele esperava que eu fosse o melhor (Riordan, 2023, p. 15).

Esse trecho é um ponto de partida para discutir como a neurodiversidade pode ser vista como uma diferença de habilidades em vez de uma desvantagem. O Sr. Brunner, inicialmente apresentado aos leitores como o professor de latim de Percy, torna-se um ponto importante, sendo um exemplo de educador que viu o potencial de Percy e acredita em suas capacidades, indo além dos rótulos de TDAH e dislexia. Ao notar que alguém acredita que ele pode ser o melhor, não só Percy, como também outras crianças, podem começar a construir uma identidade mais positiva, algo que não conseguem ver sozinhos.

Mais tarde, o Sr. Brunner é descoberto ser Quíron, figura da mitologia grega responsável por treinar alguns famosos heróis gregos e que, curiosamente, agora é responsável pelo treinamento dos jovens semideuses do Acampamento Meio-Sangue. O protagonista não conseguia enxergar seu próprio potencial; ele mesmo pensa: “O que havia de tão bom ao meu respeito? Um menino disléxico, hiperativo, com boletim D+, expulso da escola pela sexta vez em seis anos” (Riordan, 2023, p. 46).

A compreensão da dislexia é fundamental para abordar a neurodiversidade na literatura infantojuvenil, uma vez que muitos jovens enfrentam estigmas associados a essa condição. Shaywitz (2003, p. 34) afirma que “a dislexia não é um problema de inteligência, mas sim uma diferença no modo como o cérebro processa a linguagem escrita.

Essa definição é crucial, pois enfatiza que as dificuldades enfrentadas por indivíduos disléxicos não estão relacionadas à capacidade intelectual, mas a uma forma distinta de processamento cognitivo. Em um momento da narrativa, Percy descreveu sua luta com a leitura ao dizer: “As palavras tinham começado a flutuar para fora da página, dando voltas na minha cabeça, as letras fazendo manobras radicais como se estivessem andando de skate” (Riordan, 2023, p. 26).

Essa descrição ilustra de maneira vívida como a dislexia pode distorcer a percepção das palavras, fazendo com que elas pareçam ganhar vida própria e se tornem caóticas para ele. As “manobras radicais” das letras simbolizam a confusão e a luta interna que muitos indivíduos disléxicos enfrentam ao tentar processar a linguagem escrita, refletindo a dificuldade que Shaywitz (2003) menciona.

Outro exemplo que evidencia essa luta aparece quando Percy traz outro ponto: “O letreiro de neon acima do portão era para mim impossível de ler, pois, se existe coisa pior para

minha dislexia do que inglês normal, é inglês em letras cursivas, vermelhas, em neon” (Riordan, 2005, p. 179).

A dificuldade com o letreiro também leva a um pequeno diálogo entre Percy e Annabeth, no qual ele pergunta: — Que diabos quer dizer aquilo? — perguntei. — Não sei — disse Annabeth. Ela gostava tanto de ler que eu esquecera de que ela também era disléxica (Riordan, 2023, p. 179).

Esse momento destaca que, embora Annabeth amasse ler, sua dislexia ainda a desafiava, lembrando Percy (e o leitor) de que essa condição não está relacionada ao desejo ou capacidade de aprender, mas sim a uma forma diferente de processar a leitura. Essa passagem reforça como fatores visuais, como o estilo da fonte e a cor, podem dificultar ainda mais a leitura para alguém com dislexia. Assim, Riordan não mostra apenas as dificuldades enfrentadas por Percy, mas também destaca a complexidade da dislexia e a necessidade de compreensão e apoio, alinhando-se à definição de Shaywitz (2003) sobre as nuances desse transtorno. Em seu primeiro dia conhecendo o acampamento, a interação entre Percy e Annabeth oferece uma perspectiva única sobre as dificuldades que ele enfrenta devido ao TDAH e a dislexia. Quando Annabeth explica:

As letras flutuam para fora da página quando você lê, certo? Isso é porque sua mente está fisicamente programada para o grego antigo e o transtorno de déficit de atenção... você é impulsivo, não consegue ficar quieto na classe. Isso são seus reflexos de campo de batalha. Numa luta real, eles o manterão vivo (Riordan, 2005, p. 96).

Ela não apenas valida as experiências de Percy, mas também proporciona uma compreensão mais profunda de como seu cérebro funciona de maneira diferente. Essa compreensão é essencial, especialmente quando alinhada à afirmação de Souza (2023, p. 8), que destaca que “o TDAH não é um problema de falta de inteligência ou de má vontade, mas sim um transtorno neurológico que requer compreensão, apoio e intervenções adequadas”.

Assim como Annabeth reconhece que as habilidades de Percy são na verdade reflexos de suas características neurológicas, Souza (2023) enfatiza a necessidade de uma abordagem empática e informada no contexto escolar.

A fala de Annabeth também ressalta que a impulsividade e a dificuldade de concentração que Percy enfrenta são aspectos de sua neurodiversidade que, se compreendidos e valorizados, podem se transformar vantajosamente em situações de risco. Essa mensagem é um chamado para que a comunidade escolar adote uma atitude de aceitação e suporte, promovendo intervenções que reconheçam as capacidades únicas dos alunos neurodivergentes em vez de tratá-los como problemas a serem corrigidos.

Portanto, a narrativa de Riordan não apenas aborda a experiência individual de Percy, mas também serve como uma crítica ao sistema educacional que muitas vezes não reconhece as nuances do TDAH, reforçando a importância do reconhecimento precoce e do apoio adequado, como sugerido por Souza (2023).

Silva e Dias (2014) discutem a importância de metodologias diferenciadas para o ensino de alunos com TDAH, ressaltando que o transtorno não impede que esses estudantes desenvolvam suas atividades pedagógicas, embora interfira no processo de ensino-aprendizagem. Essa afirmação destaca a necessidade de práticas pedagógicas que considerem as especificidades desses alunos, promovendo uma visão mais positiva de suas habilidades e oferecendo suporte adequado. No caso de Percy Jackson, essas dificuldades de concentração e atenção ficam evidentes em seu desempenho escolar, onde ele enfrenta problemas por não conseguir filtrar estímulos e manter o foco nas atividades comuns da sala de aula. Contudo, em um contexto onde suas características são valorizadas, como no mundo dos semideuses, esses mesmos traços se tornam valiosos: o que antes era visto como uma desvantagem passa a ser entendido como reflexos de batalha, uma habilidade que o ajuda a reagir rapidamente em situações de risco. Essa mudança de perspectiva reforça a importância de adaptar o ambiente escolar para valorizar as qualidades dos alunos com TDAH, assim como ocorre no Acampamento Meio-Sangue, onde Percy é encorajado a ver sua neurodivergência como uma força.

No contexto educacional, a literatura desempenha um papel essencial não apenas na formação de leitores, mas também na sensibilização para a compreensão de diferentes realidades e experiências humanas. Como aponta Krug (2015, p. 9), “tão importante quanto formar bons leitores, será o desafio dos mediadores em sensibilizá-los para a grandeza da leitura”. Nesse sentido, cabe aos educadores e mediadores fomentar a leitura de obras que promovam a inclusão e o respeito à diversidade, como forma de ampliar a empatia e o entendimento sobre temas como a neurodivergência.

A leitura vai além da decodificação de palavras, ela constitui uma prática social que permite ao sujeito interagir com o mundo e com diferentes perspectivas. Nesse processo, como destacado por Krug (2015, p. 03), “o sujeito, ao praticar o ato de ler, mergulha no processo de produção de sentidos, e esta tornar-se-á algo inscrito na dimensão simbólica das atividades humanas”. Dessa forma, a leitura não apenas enriquece o repertório cultural, mas também contribui para a formação de uma consciência crítica, especialmente ao abordar temas como a inclusão e a neurodiversidade.

Além de seu conteúdo, a forma como a narrativa é apresentada desempenha um papel fundamental na experiência de leitura. Como observa Antunes (2019, p.16), “com a preocupação de manter a atenção do leitor e ganhar sua simpatia, o narrador procura estabelecer certa intimidade [...] fazendo comentários e observações para sugerir que é alguém próximo da pessoa que o lê no momento”. Essa estratégia narrativa é especialmente relevante em livros como *O Ladrão de Raios*, onde o tom informal e direto do narrador contribui para cativar jovens leitores e facilitar sua identificação com os personagens e situações apresentadas.

5 CONCLUSÕES

Ao examinar *Percy Jackson e o Ladrão de Raios* ficou claro como a literatura para jovens pode tratar da neurodiversidade de um jeito atencioso e marcante. Ao criar um personagem principal que tem dislexia e TDAH, Rick Riordan quebra padrões e mostra um novo ângulo sobre as diferenças de aprendizado. O personagem protagonista Percy Jackson não é apenas definido por suas dificuldades, mas pelas formas criativas que encontra para superá-las. Suas características, vistas como barreiras no mundo normal, viram sua força e identidade no mundo da mitologia, promovendo uma visão boa e que inclui a diversidade humana.

A história também mostra como os livros podem ser grandes amigos da educação. Quando usada nas aulas, essas histórias fazem com que alunos e professores pensem sobre como as diferenças são importantes, criando empatia e respeito pelas várias maneiras de pensar e aprender. Ao mesmo tempo, ela estimula os leitores neurodivergentes a se verem em personagens complexos e heróicos, aumentando a sensação de fazer parte de algo e a autoconfiança.

Além disso, o sucesso de vendas e as muitas versões do livro mostram como Percy Jackson virou um fenômeno na indústria cultural e no mercado editorial. As adaptações, novas edições e o tempo que ele fica nas lojas mostram que histórias sobre temas humanos e que incluem a todos, sem distinção, continuam importantes com o tempo. Isso reforça a ideia de que a literatura para jovens não é só diversão, mas também uma ferramenta para ensinar a pensar e a viver em sociedade.

Portanto, conclui-se que esse tipo de literatura pode ajudar a promover diálogos sobre neurodiversidade nas escolas. Ao somar imaginação, representatividade e reflexão, há um aumento do entendimento sobre as diferenças e ajudando a construir uma educação mais justa, receptiva e diversa.

REFERÊNCIAS

- AMOROSO, Vitor. O despreparo docente e a falta de inclusão escolar aos alunos neurodivergentes. Publicado em 12 de novembro de 2023. Disponível em <https://vtamoroso.medium.com/o-despreparo-docente-e-a-falta-de-inclus%C3%A3o-escolar-aos-alunos-neurodivergentes-211e49fff8a9>
- ANTUNES, B. A literatura juvenil na escola [online]. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019, 125 p. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788595463318>.
- BISHOP, Rudine Sims. Espelhos, janelas e portas de correr. Tradução de Aline Câmara. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1diCwQzqhGrbJBYKruXvuY6WN-xe7eYhb/view>
- BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, jan. 2008. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducacaoespecial.pdf>
- BUENO, José Geraldo Silveira. Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas? Revista Brasileira de Educação Especial, Piracicaba, Editora UNIMEP, v. 3, n. 5, p. 7-26, set. 1999.
- CARNEIRO, Nathalia Muniz. Literatura infantil como recurso para inclusão de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). Rio de Janeiro, Fundação Oswaldo Cruz, 2020. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/49578>
- CHARTIER, Roger. Materialidade dos escritos, constituição de acervos e a função autor. Entrevistadores: André Furtado e Anna Coelho. Varia História, v. 38, n. 76, p. 612-628, jan./abr. 2022.
- FERREIRA, Vânia da Silva. A neurodiversidade na escola e a importância das práticas articuladas. Revista Nova Paideia - Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 1017–1026, 2024. DOI: 10.36732/riep.v6i3.603. Disponível em: <https://ojs.novapaideia.org/index.php/RIEP/article/view/603>. Acesso em: 21 set. 2025.
- HOLUB, Christian. Percy Jackson and the Olympians introduces a new generation of demigods . Publicado em 18 de setembro de 2023. Disponível em <https://ew.com/tv/percy-jackson-and-the-olympians-rick-riordan-preview/>
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto historiográfico. Tradução: Gizele de Souza. Revista Brasileira de História da Educação, São Paulo, n. 1, 2001, p. 9-44.
- KRUG, Flavia Susana. A importância da leitura na formação do leitor. Revista de Educação do IDEAU, v. 10, n. 22, 2015. Disponível em: https://www.getulio.ideau.com.br/wp-content/files_mf/b80cee602abb950b63a6d6c5cb43df40277_1.pdf
- MSD MANUALS. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH). MSD Manuals – Profissional. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt/profissional/pediatria/dist%C3%BArbios-de-aprendizagem-e-desenvolvimento/transtorno-de-deficit-de-atenc%C3%A3o-hiperatividade-tdah>

MSD MANUALS. Dislexia. MSD Manuals – Profissional. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt/profissional/pediatria/distúrbios-de-aprendizagem-e-desenvolvimento/dislexia>

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático como mercadoria. Pro-Posições, v 23, .n 3 (69), p.51-66, set./dez. 2012.

ORTEGA, Francisco. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade . Mana, v. 14, n. 2, p. 477-493, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132008000200008>

RIORDAN, Rick. *Percy Jackson e o ladrão de raios*. Tradução de Ricardo Gouveia. 3. ed. São Paulo: Intrínseca, 2023.

SHAYWITZ, Sally. (2003). Overcoming dyslexia: A new and complete science-based program for reading problems at any level. Alfred A. Knopf.

SILVA, Soeli Batista da; DIAS, Maria Angélica Dornelles. TDAH na escola: estratégias de metodologia para o professor trabalhar em sala de aula. Revista Eventos Pedagógicos, v. 5, n. 4, p. 105-114, 2014.

SINGER, Judy. NeuroDiversity: The Birth of an Idea. 2016. Disponível em: <https://neurodiversity2.blogspot.com/>

SOUZA, Luiz Henrique de Oliveira. A Odisseia da Aprendizagem com TDAH: A Ludicidade e Tecnologia aliadas no ensino de História para Neurodivergentes. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/9018>

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/humanizacao/wp-content/uploads/sites/14/2017/04/VIGOTSKI-Lev-Semenovitch-Linguagem-Desenvolvimento-e-Aprendizagem.pdf>

WIELEWICKI, Vera Helena Gomes; FILHO, Maçao Tadano. TDAH e Dislexia em Percy Jackson . Revista Eletrônica Darandina, 1-17, 2012.